

# CONVERSAÇÃO

ENTRE DUAS

V I S I N H A S,

C H A M A D A S

J A C I N T H A,

E

F E L I Z A R D A.

*Jacinta.* **E** U, Senhora Felizarda,  
Não posso bem explicar

O que passo, o que padeço  
De agonias, de afflicções.

*Felizarda.* Olhe, em taes occasiões  
O melhor he disfarçar.

*Jacinta.* Se eu pudera procurar  
Modo algum, com que fizesse  
Sujeitá-lo á razão,  
Que grande consolação

A

Naõ

Naõ teria!

*Felizarda.* Eu julgo facil  
Essè modo descobrir.

*Jacintha.* Ah Senhora, se a prudencia,  
Que sempre em vós conheci,  
Me quizesse ensinar,  
Como podia vencer  
Hum genio cruel, esquivo,  
Que por força hei de aturar,  
Que grande seria sempre  
O meu reconhecimento!

*Felizarda.* Olhe, Senhora Jacintha,  
Repare no que lhe digo:  
Quando Eustachio vier  
Para casa enfurecido,  
E rompendo em alaridos,  
Fazendo motins, ruidos,  
Lhe prometter dar pancadas;  
Entaõ meiga com carinhos  
O trate, e naõ lhe responda.

*Jacin-*

*Facintha.* Se eu assim fizera isso ,  
 Mais o bruto embravecia.  
 O mofino he taõ má peça ,  
 Que quando naõ lhe respondem ,  
 Entaõ mais lhe cresce a birra.

*Felizarda.* Isso he manifesto engano ,  
 Pois nunca se apagou fogo ,  
 Chegando-lhe mais a isca.

*Facintha.* E como posso exonerar-me  
 Dos dicterios que me diz ,  
 Testimunhos que levanta ,  
 Carambolas que excogita ,  
 Para pretextar decente  
 Seu genio torpe , e maldito ?

*Felizarda.* Como ? Deixando-o sempre  
 Em liberdade ; e apenas  
 Socegar do phrenesi ,  
 Mostrar-lhe meiga , e severa ,  
 A nenhuma semrazãõ  
 Com que procede.

*Facintba.* Mas elle  
Basta para embravecer-se  
Huma só palavra minha,  
Brandamente proferida.

*Felizarda.* Taõ feroz he o tal bruto ?

*Facintba.* Amiga , não sei dizer-lhe ;  
Anda sempre carrancudo ,  
Semblante , aspecto pezado ;  
A casa , mulher , e filhos ,  
Tudo aborrece o malvado.  
Já me falta a paciencia  
Para aturar taõ mau trato.

*Felizarda.* Inda assim deve estimá-lo ;  
Porque em fim he seu marido ;  
Isto basta para amá-lo.

*Facintba.* Eu o amo , eu o estimo ,  
O cozo , remendo , e lavo ;  
Engomo-lhe a sua roupa ,  
Tenho-lhe o comer guardado ,  
Quando vem lá fóra de horas

De correr o seu fadario ;  
 E sabe o fructo que colho  
 Deste meu desvelo ?

*Felizarda.* Acafo

Naõ tem elle alguma vez ,  
 Mostrando-se agradecido ,  
 Correspondido mais grato ?

*Facintha.* Muito antes pelo contrário ,

Sempre tem pretexto , e causa ,  
 Para motins , para ralhos :  
 Se o comer está já frio ,  
 Indaque a barriga traga  
 Farta da casa de pasto ,  
 Queixa-se , e logo me accusa  
 De porca , desfazelada ;  
 E se vou satisfazê-lo ,  
 Entaõ ferve a arrochada :  
 Outra vez se os filhos choram  
 Pedindo pam , em lugar  
 De lho trazer , e buscar

Modo de vida em que possa  
 Sua casa sustentar,  
 Se enfurece contra mim,  
 E me diz: Vósê não ouve  
 O rapaz, que quer comer?  
 Diga: Porque lho não dá?  
 Eu chorando lhe respondo:  
 Não tenho de pam, nem pada;  
 E logo em consequencia  
 Desta submissa humildade,  
 O menos que colho he murro,  
 Pontapé, ou bofetada.

*Felizarda.* Devéras me compadeço  
 Destã vida amargurada;  
 Mas inda assim sempre digo,  
 Que soffra mui resignada  
 A sua fórte infeliz,  
 Esperando que algum dia  
 Venha a viver focegada.

*Jacinta.* Isso já eu não espero;

Mas

Mas primeiro a dura Parca  
 Cortará da vida os fios,  
 Que eu me veja descansada.

*Felizarda.* Não desconfie, que sempre  
 Segue a bonança á borrasca;  
 E se empregamos constantes  
 Todos noslos pensamentos  
 No supremo Author, achamos,  
 Quando mais se desconfia,  
 Remedios não esperados.

*Facintha.* Sabe o que me tem lembrado  
 Podia domesticá-lo,  
 E reduzi-lo á razão,  
 Quando está defatinado?

*Felizarda.* O que?

*Facintha.* Pois que nem ternuras,  
 Choros, suspiros, affagos  
 O movem; o defancá-lo;  
 E se elle me der huma,  
 Corresponder-lhe com quatro.

*Felizarda.* Que diz, Senhora? Está louca?

Conceito taõ temerario,  
Nem se pensa, e muito menos  
Se profere. Que diria  
O mundo yendo perder-se  
O respeito venerado,  
Que a consorte deve ter  
Ao que do Ceo destinado  
Lhe foi para seu esposo?  
E teria quem fizesse  
Acção taõ desordenada,  
Animo de apparecer  
Com semblante socegado  
Diante do seu consorte,  
Depois de o ter ultrajado?

*Jacintha.* Muitas vezes ha hum lance

Taõ forte, e desesperado,  
Que nos cega, e nos conduz  
A despenho, e precipicio,  
Sem repararmos no que

Pode-

ENTRE DUAS VISINHAS. 9

Poderá prejudicar-nos.

*Felizarda.* Isso he que não deve ser,

Pois nunca póde haver caso,

Que nos desculpe o obrar

Contra o que for confórme

A's Leis, á razaõ, e estado;

E menos huma mulher,

Quando se préza de honrada,

Deve commetter acção,

Em que possa maculá-la.

*Jacinta.* Visto isso vossa mercê

Julga por mais acertado,

Que eu soffra, leve pancadas,

Padeça fomes, miserias,

E meta a boca n'hum sacco?

*Felizarda.* Sim, Senhora, obrigação

He de huma mulher honrada

Soffrer a vida penosa,

Que lhe dá hum mau consorte;

E o remedio que só deve

A tan-

A tanto mal applicar ,  
 He huma resignação  
 Com a Divina vontade ,  
 Reparando que talvez  
 Assim melhor poderá  
 Conseguir que o Ceo piedoso  
 O genio lhe mude , e o faça  
 De voraz lobo , cordeiro ,  
 E de cruel inimigo  
 Hum amante verdadeiro.

*Jacinta.* Não sei se voslã mercê  
 Outro tanto experimentallê ,  
 Practicára facilmente  
 Os conselhos que profere :  
 Se lhe faltassê a camisa ,  
 O çapato , a meia , a saia ;  
 Se passassê o dia e noite  
 Em jejum ; se a fome fêa  
 Fossê a comida ordinaria ,  
 E em contrapezo de tudo

Se

ENTRE DUAS VISINHAS. II

Se visse bem derreada,  
Talvez que a resignação,  
Que inculca, lhe não lembrára.

*Felizarda.* Lembraria, sim Senhora,  
E havia practicá-la,  
Devendo conhecer que isso  
Tudo he destino da Alta  
Providencia, que nos rege;  
E devemos respeitá-la.

*Jacintha.* Tudo isso he fallar de papo;  
Mas se se vira de dentro  
Da atafona em que eu me acho,  
Havia buscar o modo  
De poder della salvar-se.

*Felizarda.* Buscaria, sim Senhora,  
Que a isso estava obrigada;  
Mas modo que não houvesse  
De dar o menor motivo  
De contra mim murmurar-se.

*Jacintha.* Ha de ter desculpa o homem,  
Que

Que a mulher ha de matar  
Com fomes , com semrazões ,  
Com pontapés , com pancadas ;  
E se ella infeliz apenas  
Lhe der hum murro , levada  
Mais do proprio defaffogo ,  
Do que por assim querer  
Buscar modo de ensiná-lo  
D'hum proceder inhumano ,  
Ha de ser apedrejada ?

*Felizarda.* Sim , Senhora , e com razão  
Merece ser castigada ;  
Pois não deve huma mulher  
Esquecer a obrigação  
A que vive vinculada :  
Senaõ tem genio capaz  
De soffrer , e de callar ,  
Use o remedio da Lei ,  
Separe-se dessa causa ,  
Mostre em tudo honestidade ,

ENTRE DUAS VISINHAS. 13

E desta sorte virá  
A ser entre as Heroínas  
Sua fama recontada.

*Facintha.* Sempre hei de ver se consigo  
Com igual correspondencia  
Emendar defordens tantas ;  
E se já defenganada  
De o não poder alcançar  
De todo me vir , entãõ  
Tomarei o seu conselho.

*Felizarda.* Tal não pense , e menos faça :  
Olhe o que lhe tenho dito ;  
Soffra , calle ; peça , e clame  
Ao Ceo , que se compadeça  
De sua infelicidade ;  
Que elle benigno annuindo  
A seus rogos , mudará  
Em bonança a tempestade ,  
Os murros em doces laços ,  
As injúrias em carinhos ,

E os

E os pontapés em affagos.

*Jacintba.* De todo estou convencida  
De tão saudáveis conselhos,  
E já de hoje em diante  
Me proponho a observá-los:  
Ajude-me, minha amiga,  
A pedir ao Ceo lembrar-se  
Queira da minha afflicção.

*Felizarda.* Sim, de mui boa vontade;  
E já daqui lhe protesto,  
Que em todo o trance, e acaso,  
Me ha de ter por companheira,  
E amiga fiel, em quanto  
Respirar vital alento.

*Jacintba.* Sempre lhe fico obrigada.

*Felizarda.* A Deos, Jacintba estimada.

*Jacintba.* A Deos, clara Felizarda.

F I M.

L I S B O A.  
NA OFFICINA LUISIANA.

ANNO M. DCC. LXXX.

*Com licença da Real Mesa Censoria.*

